



“HUMANO QUE NÃO SE PODE CONSERTAR”: A Necropolítica dos Corpos Femininos.

ROSSI, João Victor¹ (joao.victor.rf@hotmail.com); **BECKER, Simone²** (simonebk@yahoo.com.br)

¹Discente do curso de Ciências Sociais da UFGD – Dourados;

²Docente da UFGD/MS e bolsista de produtividade PQ/CNPq.

Morrer: Perder vitalidade; cessar a vida; experimentar fortes sensações morais e físicas (...). As significações do que é a morte podem ser mais complexas do que se imagina e, não limitar a significação da palavra se faz necessário para que possamos “interpretar” as políticas de morte que cercam os corpos propositadamente no cotidiano dizimadxs. Em cena, a categoria da necropolítica e os corpos Queer, em especial as performatividades femininas, que marcadas por raça, classe, sexualidade e gênero se tornam alvos de um Estado vendado por e para a justiça. Em síntese, nos parece que o massacre deliberado contra quem porta diferenças não se destina a quaisquer corpos, mas aos corpos feminilizados, considerados abjetos/censurados que mesmo desconsiderados do plano social permanecem existindo, e buscando novos meios de (sobre)vivência como condição do não ser aceita. Analisamos por meio de uma incipiente mescla entre métodos (análise de discurso e participação observante em aldeias arquivos), a busca e crítica de notícias presentes em sites jornalísticos regionais (Mato Grosso do Sul). Privilegiou-se os títulos e registros que expõem as armas dos soberanos que dirigem o gatilho e escolhem à base do discurso e do poder quem vive e quem morre em suas serventias ao Estado e às instituições - lê-se família, religião e normas sociais que passam despercebidas aos nossos olhos e nos regem friamente à base da violência. Referindo-nos aos corpos que arrepiam e irregularizam o regular, pulsando e (sobre)vivendo. Aliás: sob os pilares sangrentos constituídos por machismo, misoginia, fobias e objetificações que surgem e abrem espaço para registros como os presentes na pesquisa. Nossa hipótese é de que os extermínios se dão, sobretudo, contra corpos e performances do feminino. Eis os percentuais de corpos que jazem no mapa de violência contra as mulheres (incluindo feminicídios), contra mulheres lésbicas e contra mulheres transexuais e travestis. No cenário atual, o Estado (brasileiro) age de acordo com as políticas públicas de extermínio mantendo de fora o interesse em mudanças. Como exemplos, o Pacote Anti-Crime, Movimento Escola sem Partido, altos índices de violência e a espetacularização da morte vigiada pelos donos do poder. O que incomoda, nos parece, é matar e ver vivendo, é tirar direitos e ainda assim os corpos terem suas dinâmicas sociais.

Palavras-chave: racismo de Estado, políticas de morte, poder.

Agradecimentos: Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de bolsa de iniciação científica às pessoas que desenvolveram esta pesquisa.